

Comunicar a alegria do Evangelho: entre a timidez e a intrepidez

(com Professores EMRC - 09set'23)

Ainda me espanta o espanto do meu primo Ricardinho, que ficou deslumbrado ao ouvir da minha boca "O que eu faço é contar boas notícias às pessoas" quando ele me perguntou "O que é que fazes, primo Rui?" Para um menino de cinco anos que não tinha nenhum contato com o cristianismo, achei que "Anunciar o Evangelho" seria uma não-resposta para ele. Traduzi apenas para português a tarefa do missionário, longe de imaginar que olharia para mim como se lhe tivesse dito que era astronauta e tinha casa num dos anéis de Saturno. Ele percebeu - como eu realmente nunca tinha percebido - que a tarefa era excêntrica. Desde esse dia, comecei a entender uma comunidade cristã missionária como um serviço de boas notícias no centro do mundo. Os meninos de cinco anos conseguem ver coisas muito exactas com aqueles olhos ainda grandes.

Por ser redentorista, venho de uma tradição de púlpito e sermão. Conheço os costumes dos missionários mais velhos e li como uma criança deslumbrada os seus sermões. Peças de oratória numa só direcção, com as didascalias correspondentes anotadas no fio do texto, que normalmente era decorado. O sermão era repetido em todos os lugares, o mesmo. Eram feitos uma vez, uma dúzia deles, e serviam para muitos anos, muitas décadas, incontáveis lugares. Encontrei sermões com tabelas finais de resultados: número de mulheres e homens que tinham ido ao confessionário depois do sermão, e quantas pessoas tinham comungado. Encontrei até os sermões de um confrade particular que anotava o dinheiro que lhe davam pelo sermão, naqueles sermões avulso como o do "Encontro" ou de alguns santos.

Afinal, não é só a minha tradição, bem o sabemos, mas é o inconsciente colectivo da civilização herdeira da cristandade que está atravessado por este estilo de uso da palavra. O sermão, a prédica, o ensinamento. Em que se ouve apenas a voz de um, de um lugar mais alto, num contexto de vincadas diferenças. Além do mais, um uso da palavra facilmente dirigido ao mais profundo e íntimo: às questões da consciência, da sexualidade, dos costumes, numa tentação moralista a que nos é muito difícil resistir. Mas, ao mesmo tempo, um discurso alheado da vida concreta, real. Um discurso manobrado por gente que não tem uma vida normal - para não dizer gente que não é normal, tantas vezes... - e por isso não leva a sério aquilo que no dia a dia das pessoas é mais real e cru, onde os dias realmente nos mordem os calcanhares, onde a gente se zanga e entristece, se chateia e desespera, os lugares existenciais em que tememos e trememos não sermos capazes, não ser desejados, não estarmos a gosto naquilo que estamos, nem com quem estamos, e como isso nos faz sofrer tanto sem que o saibamos resolver.

E, também, a catequística, já agora... Aquele modo de soletrar a fé pela cartilha, aquela coisa esquisita em que o mistério encaixa à medida numa engrenagem de pergunta-resposta, em que todas as perguntas têm de facto resposta (espantoso!) e todas as respostas terminam em ponto final (uau...).

Podíamos ficar aqui a divertir-nos um pouco percorrendo os formatos das principais linguagens usadas para a dicção da fé nos últimos três séculos europeus, que pertencem ao caldo cultural que nos explica hoje quase totalmente. Entretanto, surgem hoje novos códigos comunicacionais, linguagens inaugurantes, não só nos meios em que se difundem mas sobretudo na lógica em que funcionam. Verdadeiramente, novas línguas, não no plano do vocabulário ou da estrutura gramatical, mas na vinculação a uma mundividência profundamente alterada em relação aos modelos de realidade que antes tínhamos. Cada vez mais utilizamos uma comunicação que vem de outro mundo, com uma estrutura interna profundamente diferente daquelas que nascem no espaço-tempo.

E é neste admirável mundo novo que nos pertence comunicar a alegria do Evangelho. Agradeço. E estremeço, porque "Comunicar" não faz parte da tradição de fé que recebi, não como baptizado, nem como missionário, menos ainda como presbítero. Porque "Comunicar" me desvia do caminho fácil da prédica-ensinamento-exortação-sermão-pregação-homilia-catequese-discurso-admonição-conferência-palestra, e me convoca para o caminho mais exigente e humilde, o caminho que só se faz acompanhado (bem e mal) do diálogo. Comunicar é colocar a palavra em ponto de comunhão. Uso a imagem da cozinha, do ponto de cozedura. Levar a palavra ao lume do coração até ela estar em ponto de comunhão. Bem o sabemos, do latim, que comunicar e comungar são a mesma e única palavra: *communicare*. Comunicar é comungar, e um sermão ou um discurso, uma pregação ou uma homilia

merecem ser muito bem feitos. Bem pensados, bem desenhados, bem rezados, belamente entregues. Mas dificilmente realizarão o milagre mais inteiro que é "comunicar". Se tudo correr bem, põem a jeito, e nisso se cumprem. A liturgia cristã não é nada ingénua nestas coisas: a liturgia da palavra tem o seu lugar central na celebração eucarística, mas é apenas o portal do encontro que abre para a outra mesa em que acontece a "communicatio". Porque a comunicação é sempre coisa de levar à boca, seja um naco de palavra ou um parágrafo de pão; mas a communicatio, com os seus ritos, começa exactamente onde e como? Quando dizemos as palavras de outro, do outro que nos convoca. E não só palavras de outro, não nossas, mas também palavras de oração, adoração e obediência filiais. Eis o primeiro rito da comunicação/comunhão. Depois, o abraço fraterno e o beijo da paz, pois claro. Por onde nos leva o desafio de "comunicar"... e, por fim, a fracção do pão, as mãos abertas e circulantes em que o pão ganha corpo de Cristo e o vinho é graciosamente transfigurado em sangue e seiva, da vida e da vida.

Gosto muito quando a mistagogia nos oferece uma leitura contemplativa dos sinais que frequentamos. Comunicar o evangelho não é um acto de dizer, nem uma forma de falar. Comunicar implica a aventura de dizer-se, e o atrevimento de dar-se. As palavras querem dizer coisas, e comunicar quer dizer comungar. Do lugar donde vejo, não me é permitido ver outra coisa, nem aceitar menos.

*"Eu bem sabia que a nossa visão é um acto poético
do olhar.*

Assim aquele dia eu vi a tarde desaberta nas margens do rio.

Como um pássaro desaberto em cima de uma pedra na beira do rio.

Depois eu quisera também que a minha palavra fosse desaberta na margem do rio.

*Eu queria mesmo era que as minhas palavras fizessem parte do chão
como os lagartos fazem.*

*Eu queria mesmo era que minhas palavras de joelhos no chão
pudessem ouvir as origens da terra"*

Manoel de Barros

Não posso atravessar a paisagem deste poema sem reviver a liturgia de adoração que é ajoelhar-se para beber numa nascente. Os sons todos, as temperaturas tão diversas, as ervas na água como corpo de baile em plena apresentação, a abundância frágil e a noção de mistério. A procura, uns metros acima, da auscultação desse mistério, o corpo todo estendido no chão, um ouvido no chão, as mãos no chão, os olhos fechados... na pergunta tão intensa por um gorgolejar que de lá viesse, porque tem de ouvir-se, alguma coisa de estar a acontecer aqui em baixo, e eu sei que é de pressentir, de receber, eu sei que não posso ir buscar uma enxada e escavar, eu sei que é de esperar e ficar aqui...

Comunicar a alegria do Evangelho, e comunicar o Evangelho com alegria, é partilhar em ponto de comunhão aquele com quem temos comunhão. O Evangelho é "o próprio", não estamos no campo das letras mas no corpo do Verbo, o Verbo de Deus dito e feito, o Evangelho é o próprio. O testemunho escrito é um anzol, "o anzol dos sinais" como dizia o Daniel Faria, o testemunho escrito é suposto ter mais de testemunho do que de escrito...

Comunicar o Evangelho, então, ganha o tom de abertura aos outros de uma comunhão de amizade que se vem construindo. Sim, dizendo-o com palavras de infância: eu gosto muito dele e ele gosta muito de mim. De verdade que lhe procuro a amizade, que gosto dela, da amizade de nós dois. E não me importo que tu saibas, e não me importo que tu participes da história que eu tenho com o meu amigo e o meu amigo tem comigo, e fico feliz se a nossa história de amizade vai pondo lugares à mesa para mais amigos.

A fé cristã é eminentemente pessoal, uma história de amizade e comunhão de vida. O Verbo está connosco a fazer o que os verbos fazem: a conjugar-se. A vida de fé ou é uma vida conjugal, ou não é uma vida com o Verbo! Vem conjugar-se connosco em todos os

tempos... modos... e pessoas! O caminho cristão é o desenvolver desta conjugação do Verbo em nós, desta conjugalidade do Verbo conosco, desta vida conjugada no Verbo uns com os outros.

Comunicar o Evangelho é levar a ponto de comunhão com outros uma comunhão vital que me decifra a mim mesmo. Comunicar o Evangelho é convidar outros a participarem activamente na minha vida de fé. Aqui está o desafio de comunicar verdadeiramente... Porque a *communicatio* não se esgota nas palavras, mas leva para a mesa da oração, do abraço e do pão partido.

Eu tenho tido sorte. Conheço gente muito boa. Sou agradecido. Não tenho outra opção.

Há gente com quem gostaria de ter um dia jantado, pelo menos. Um jantar que fosse, com conversa demorada. Duas em particular. A primeira chamava-se Desmond Tutu. A visão do seu riso e a sua dicção tão original da palavra boa acompanharam-me em toda a reflexão para esta conversa. Ao ler "comunicar a alegria do Evangelho", o rosto dele iluminou a minha imaginação. Há uma potência de vida transfigurada em quem conta o mistério da fé a partir de um coração enamorado, de entranhas comovidas pela beleza de Deus e pela bondade de Deus e pela vocação sublime de todo o ser humano e pela esperança que há em Cristo.

No grego do novo testamento há duas palavras diferentes que costumamos traduzir por "alegria". *Agaliásis* e *kara*.

Agaliásis é da raiz de *euangelion* e tem de facto a ver com uma notícia boa, um conhecimento que só está completo quando se partilha, um saber a pedir sabor, gosto, gozo, fruição. *Agaliásis* é a alegria daquele "Sabes com quem estive? Sabes quem cá está?"

Kara é da raiz de *karis*, graça, e remete para um dom imenso. E o dom perfeito, bem o sabemos, é o *per-dom*. *Per-donare*, junta-se este prefixo de completo, este "per" que realça uma totalidade, uma per-feição, uma coisa completa e inultrapassável, este "per"-*donare*, o dom completo, a doação total, inultrapassável. *Kara* é a alegria de ter sido desafogado por um dom grande, um per-dom! Como anuncia a palavra "salvar" em hebraico, *yasha*, toda ela abertura, vastidão, amplitude, espaço e desafogo, respiração. E também o latim "*alacer*", de onde vem a dar "alegria", que significa estar solto, desatado, desamarrado, livre. Ainda o latim, já agora... que outro palavra serve para dizer este desamarrado e livre de nós? *Absolvere*, palavra linda que obrigámos a andar por aí tão mal vestidinha...

A primeira linha da palavra alegria, *agaliásis*, é da ordem de uma anúncio feliz.

A segunda linha é da ordem do testemunho: recebemos um dom, um per-dom, estamos salvos, desafogados, absolvidos, desatados, resgatados.

Pedro foi o ícone que me apareceu destas duas alegrias comunicadas de maneira tão paradoxalmente credível. Visitamos os actos dos apóstolos e encontramos alguém com uma notícia feliz para contar, e até com um entusiasmo febril nalguns momentos, um recém-nascido deslumbrado com a vitalidade da Boa Notícia, do *euangelion*, e da alegria de fazer parte dela, da *agaliásis* que vem com ela por termos visto "aquele Jesus!". Um homem a quem o Espírito de Deus acendeu, não fosse a alegria um dos frutos do Espírito, no dizer de Paulo também... O que Pedro comunica é uma amizade, um conhecimento confidente. A fé de Pedro é cúmplice, como era a dos primeiros: "andámos com ele desde os tempos de João, lá nas bandas do Jordão... comemos e bebemos com ele..."

Mas há uma outra alegria mais profunda em Pedro, e também mais contida. Mais comovida e comovente. A de alguém que morreu e nasceu de novo num evento de graça infinita. A sobriedade com que os evangelhos estão escritos podem deixar-nos à míngua de evidências. Porque às vezes o mais bonito é mesmo o que lá não está. Por exemplo, não estar em nenhum dos testemunhos de experiência pascal um mínimo aceno a cobrança por parte do Ressuscitado. Havia de ser comigo... Mas o que temos é unívoco e total: "Shalom! Paz! Como o Pai me enviou eu vos envio, recebei o Espírito Santo... Eu estarei sempre convosco... Amas-me? Amas-me? Gostas de mim? Segue-me!"

Da graça imensa que é este dom do Mestre aos discípulos, este per-dom, eis donde nascerá a alegria mais intocável. Por mais que lhe batam depois, não se tira isto do lugar, ninguém mais removerá este dom, este per-dom, do âmago da comunidade apostólica.

Comunicar a alegria do Evangelho não é uma técnica nem consiste numas quantas dinâmicas de boa disposição. Comunicar a alegria do Evangelho não reside no temperamento de alguém que fala, mas sim na profundidade testemunhal de quem comunica. É o dom, o per-dom, que inventa a linguagem da comunhão! É o dom, o per-dom, a primeira pedra da alegria edificante. É o dom, o per-dom, a pedra angular do evangelho. Uma experiência de fé autenticamente ajesusada acredita mais no testemunho do que na técnica, e precisa mais de quem conte a sua história como uma narrativa de redenção, do que quem tire da cartola a última moda para atrair incautos.

Por isso, entre a timidez. Sim, entre. Tem um lugar fundamental no prenúncio do mistério e no testemunho do imenso. Entre a timidez, por favor, para não nos tornarmos gente a dizer um deus de pacotilha, uma divindade de bolso, pequena, pequena, tão pequenina, do tamanho das nossas certezas quando falamos sem adoração, quando dizemos sem contemplação, quando anunciamos sem amabilidade, quando ousamos comunicar sem nos darmos, como quem atira qualquer coisa para dentro do recinto das focas. Venha a timidez salvar-nos do ridículo de dizermos Deus como se o tivéssemos aprendido! Entre a timidez nas entretelas de quem somos e do que cremos, para que nenhuma dicção do sagrado nos saia sem perguntas, sem vislumbres, sem intuições, sem poesia, sem fantasia, sem suspense...

A timidez de quem testemunha, sabendo que não é para falar de si em nenhum momento, mas sem medo de contar-se para servir a nomeação daquele que tudo preenche. Até a nós... Entre a timidez, venha o recato de quem sabe que o mistério apenas se balbucia, o decoro de quem transporta o fogo, a chama, e treme que se apague... ou a água da vida, abundante, e o vinho espirituoso da alegria, transbordante, e não quer que se derrame nem se perca. Entre a timidez, acabem os despropósitos dos reverendos, e venha juntar-se um coro de reverentes, de gente que reverencia a carne do mistério e o sangue do mundo, de gente capaz de eucaristiar o quotidiano e o cosmos.

Há uma singeleza que conduz à intrepidez que importa, que não é dos fortes, mas dos bem amados. Há uma elegância que só a timidez concede. Conheço um poeta de uma amorosa timidez, que vence apenas na intrepidez de se expor na escrita. Chama-se Carlos Poças Falcão. Muito do que publica não o queria fazer... Mas é um bem amado, a sua Paula diz-lhe que sim, que deve, e ele acredita. É dele este poema:

Ele disse:

«lava a tua casa retira os móveis todos

aí quero dançar»

assim o Senhor dança nos salões vazios:

semelhante a um turíbulo

espalha o seu perfume

não fechei as portas

abri as janelas: os ladrões evitam

a casa iluminada

fiz tapetes de flores

pus grinaldas na entrada

pois é muito grande a festa de Um só convidado

espero nas traseiras e ceio no umbral

o Senhor ocupa-me

e a casa toda é sua

sirvo na bandeja as mais frescas iguarias

*os frutos colhidos
nos dias de canseira
o Senhor dorme no leito e eu estou acordado
o Senhor levanta-se
e eu não posso dormir
a água sai pura
das suas lavagens
lavo-me na água que o Senhor usou*

*de manhã o Senhor veste-se
com a roupa que lhe trago
come do que tenho – e assim eu empobreço
visto o meu Senhor e eu o alimento
assim fico sem nada
e Ele me sustém*

*que eu nunca me atrase à chamada do Senhor
não vá Ele mostrar-me
não precisar de mim
que eu não seja dos que perdem
primaveras e outonos
que não seja contado entre os ignorantes*

*enquanto o Senhor dança o meu coração exulta:
que Deus este que não pára
de se mover por mim!*

Apenas quero a intrepidez de Pedro, o per-doado. Desejo a intrepidez de quem tem para contar que “o Senhor dança” nos lugares escusos que não lhe ofereço. Desejo o testemunho corajoso de quem tem para contar que Deus veio meter-se onde não era chamado, para me tirar de onde não me devia ter metido, “que Deus este que não pára / de se mover por mim!”

Por isso, entre a intrepidez da graça e do dom, do per-dom, no testemunho que eu fizer...

E entre a timidez também, que a não quero deixar fora, nunca. Entre a timidez no testemunho de quem comunica o que não sabe e o que não cabe.

Já por aqui passou o Manoel de Barros, mas ainda vem trazer um poema curto. Diz assim:

*Tenho o privilégio de não saber quase tudo.
E isso explica
o resto.*

Falta dizer um nome. Porque há gente com quem gostaria de ter um dia jantado, pelo menos. Um jantar que fosse, com conversa demorada. Duas em particular. A primeira chamava-se Desmond Tutu. A segunda, Eugene Peterson. Pastor de uma igreja Baptista, biblista, poeta, o marido da Jan e pai de três. Tradutor inspirado das escrituras, numa versão em paráfrase chamada “The Message”, foi o rosto dele que imediatamente se alojou em mim ao ler a segunda parte do título que me foi proposto. Se “comunicar a alegria do Evangelho” é mesmo a cara de Desmond Tutu, “entre a timidez e a intrepidez” que eu quis ler como convite, é a cara de Eugene Peterson. A internet está aí para dar uma ajudar. É vê-los e ouvi-los no youtube, é lê-los demorada e apaixonadamente. Estes dois são aquilo que eu queria ter dito.